

## ADOLESCÊNCIA: CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE

Ana Paula Rangel<sup>1</sup>  
Ronalisa Torman<sup>2</sup>  
Luciane Varisco Focesi<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo surgiu da necessidade de compreender como se constitui a identidade dos sujeitos. Através do desejo de adquirir novos saberes e vislumbrar a influência que os grupos sociais possuem nessa formação, busca-se por referenciais teóricos psicopedagógicos e psicanalíticos acerca da importância que desempenham na adolescência. Apresentam-se recortes de um estudo de caso clínico, cujo paciente estava adolecendo, ou seja, estruturando sua identidade, buscando relações sociais fora do ambiente familiar e vivenciando experiências únicas. Honrando a ética necessária a todo trabalho psicopedagógico e visando ao sigilo da identidade do paciente, utilizou-se um nome fictício ao citá-lo. Dessa forma, sendo a adolescência uma fase crucial no desenvolvimento integral do sujeito, bem como de sua personalidade e identidade, volta-se o olhar sobre esse período, a fim de encontrar respostas para os questionamentos que surgiram ao longo dos atendimentos psicopedagógicos.

**Palavras-chaves:** Adolescência. Grupos. Identidade. Psicopedagogia.

### ABSTRACT

The present article arose from the need to understand how the identity of the subjects is formed. Through the desire to acquire new knowledge and see the influence that social groups have in this formation, we seek for theoretical references, psychopedagogic and psychoanalytic, on the importance that they have in adolescence. The article presents excerpts from a case study in which the patient was an adolescent, someone building his identity, seeking relationships outside the family environment and going through unique experiences. A fictitious name has been used in order to keep the patient's identity secret. Being the adolescence a crucial phase to the development of the subject, as well as his personality and identity, we try to find answers to the questions that arose during the psychopedagogic sessions.

**Keywords:** Adolecence. Groups. Identity. Psychopedagogy.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Psicopedagogia da Universidade Feevale.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais Aplicadas – UNISINOS. Psicóloga, psicopedagoga, professora da Universidade Feevale – Novo Hamburgo – RS. Coordenadora do Núcleo de Atendimento e Extensão em Psicopedagogia – NAEP. Professora dos Cursos de Graduação em Psicopedagogia e Psicologia e da Especialização em Psicopedagogia da Universidade Feevale – Novo Hamburgo – RS.

<sup>3</sup> Pedagoga, orientadora educacional, psicopedagoga clínica e educacional, professora da Universidade Feevale dos cursos de Pedagogia e Psicopedagogia.

## ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE

A adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, momento em que o sujeito se vê frente a muitos desafios, descobertas, frustrações e conquistas. É um momento de transformações biopsicossociais que fazem parte do referido período. A psicanalista argentina Aberastury (1981, p. 89) assinala que “[...] a criança, queira ou não, vê-se obrigada a entrar no mundo do adulto”. Sua expressão resume claramente esse momento singular, o qual todo sujeito vivencia.

Liberdade, mudança, descoberta, angústia, alegria, tristeza, crise, agressividade, melancolia, dúvidas, sexualidade, rebeldia, desejos, segredos,... De acordo com a autora citada anteriormente, torna-se difícil definir o *adolescere* em uma só palavra. Mais difícil ainda é definir seu limite cronológico, pois é impossível estabelecer fronteiras rígidas para essa fase cuja evolução sofre influência de fatores múltiplos, como hereditariedade, raça, cultura, gênero, meio social etc. Para a psicanálise, a adolescência deixou de ser uma etapa cronológica e passou a assumir caráter de estruturação psíquica, pois atualmente encontram-se adolescentes de dez anos, como também de trinta ou quarenta anos de idade, ficando claro que a idade dos “novos” e dos “velhos” adolescentes varia muito devido aos diversos fatores já citados.

Com o intuito de ilustrar o assunto em questão, assim como refletir sobre a influência dos grupos sociais na construção de uma identidade própria, apresentam-se recortes de atendimentos psicopedagógicos clínicos realizados no NAEP (Núcleo de Atendimento e Extensão em Psicopedagogia) da Universidade Feevale, com um paciente de doze anos de idade. As sessões transcorreram durante todo o ano de 2010, originando um estudo de caso clínico que motivou a escrita deste artigo.

*Adolescere* não é uma tarefa fácil, isso todos nós sabemos. Parafraseando Outeiral (1994, p. 31), “[...] Tudo acontece com um ritmo intenso de ação, e não é fácil ‘entender’ tais flutuações anímicas, escapando, às vezes, à compreensão do próprio adolescente que as vive com intensidade, e, em alguns casos, com perplexidade”.

Durante o tratamento, com duas sessões semanais de duração de cinquenta minutos cada, percebeu-se claramente suas “flutuações”, especialmente, suas

oscilações de humor. Identificou-se, no processo, que, em muitos momentos o paciente se apresentava confuso, não sabendo explicar seus sentimentos. Por vezes, mostrava-se desanimado e triste durante a sessão e, ainda no transcorrer dela, modificava seus sentimentos melancólicos em explosões de gargalhadas, de alegria e de cantorias.

Assim, entre sorrisos e lágrimas, vislumbrou-se o *adolescere* de Arthur, bem como seu amadurecimento, pois, afinal, o verbo *adolescere* vem do latim e significa crescer. O autor abaixo referido, ao comentar a origem epistemológica da palavra adolescência, aponta que:

A palavra “adolescência” tem uma dupla origem epistemológica e caracteriza muito bem as peculiaridades desta etapa da vida. Ela vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significando a condição ou o processo de crescimento, em resumo o indivíduo apto a crescer. Adolescência também deriva de *adolescere*, origem da palavra *adoecer* (Outeiral, 1994, p. 6).

Esse crescer não se restringe às mudanças corporais, oriundas do processo evolutivo biológico e de maturação hormonal, mas sim ao crescimento interior, ao desenvolvimento psíquico, à infundável construção da personalidade e, conseqüentemente, da identidade. Destacam-se as palavras de Paladino (2005):

A identidade é, então, algo formado ao longo do tempo por intermédio de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, sempre sendo formada. O processo de identificação seria este processo, eternamente em andamento (p. 35).

Ainda sobre a construção da identidade na adolescência, Oliveira (2001, p. 230-231) destaca que: “Entender o processo de construção da identidade adolescente com seus lutos, depressão, psicopatia, reivindicação, luta, implica em considerar os aspectos biológicos, psicodinâmicos e sociais em permanente interação”. Para essa autora, é nessa fase que ocorrem grandes reestruturações do aparelho psíquico, sendo fundamental para a consolidação da personalidade.

É notório que construir uma identidade implica passar por uma “tempestade”, por uma “tormenta” psíquica. Segundo Oliveira (2001), outros teóricos, como Erikson e Freud, também se referiam à adolescência como uma séria e prolongada crise de identidade, chegando a utilizar o termo “turbilhão adolescente” para caracterizar esse momento.

Esse processo psicológico de constituição da identidade é um *continuum*, ou seja, é uma incessante construção e reconstrução, em que o sujeito vai se definindo, elegendo valores, ideais, sonhos, opção sexual, enfim, aquilo que realmente quer ser.

O paciente-adolescente em questão estava inserido em um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), grupo que busca prioritariamente a preservação da cultura gaúcha, exaltando os costumes e os valores do povo. Problematiza-se sobre quais valores, quais ideais e quais ensinamentos esse adolescente aprende nesse grupo. Qual a influência desse grupo na constituição de sua personalidade?

De acordo com a teoria psicopedagógica, em qualquer situação de aprendizagem saudável, indubitavelmente, precisa haver dois personagens: o ensinante e o aprendente. Contudo Fernandez (2001, p.63) nos lembra que “[...] não aprendemos com qualquer um, aprendemos com aquele a quem outorgamos confiança e direito de pensar”. Essa citação faz refletir sobre a necessidade de o sujeito aceitar o grupo e também de ser aceito por este, para que, assim, possa pertencer realmente a ele e relacionar-se saudavelmente com o conhecimento.

Acredita-se que, no CTG, local de aprendizagens não formais, o paciente tenha encontrado o seu espaço, já que verbalizava sobre suas habilidades na dança, na declamação de poesias típicas, no canto, no manejo com os cavalos e nas atividades campeiras. Durante uma das sessões psicopedagógicas, chegou a dizer: “Lá é como se fosse a minha casa e a minha família” (SIC). Nesse ambiente, ele, verdadeiramente, se viu como um ensinante-aprendente, diferentemente de sua postura frente à escola. Faz-se indispensável destacar que o movimento tradicionalista gaúcho se preocupa muito com o próximo, valorizando as relações sociais e o convívio com os amigos, bem como admira e respeita os conhecimentos passados de geração em geração pelos mais velhos do grupo. No CTG, Arthur sentia-se realizado quando conseguia ensinar algo, o que impulsionava o seu desejo de aprender-ensinar cada vez mais.

A adolescência é caracterizada por uma gama de sentimentos diversos, indescritíveis e inexplicáveis. Os desejos e as ações dos jovens são imprevisíveis, o que é bom hoje pode ser horrível amanhã e vice-versa. Em meio a essa ambiguidade, que muitas vezes é vista erroneamente como patológica, o jovem vai criando sua própria identidade e seu mundo interno. Aberastury (1992) afirma que a estabilização da personalidade não ocorre sem que o sujeito passe por um certo grau de conduta patológica, extremamente normal nessa etapa da vida.

Certo dia, em atendimento à família de Arthur, os pais comentaram sobre a mudança radical de atitudes que o paciente havia apresentado, questionando se isso era normal. Reportando-se às palavras do psicanalista Knobel (1992), vislumbra-se que a síndrome da adolescência normal não é um conceito fácil de estabelecer, pois varia muito com relação ao meio socioeconômico, político e cultural no qual o sujeito se encontra imerso. Aberastury (1992), ao assinalar sobre a obra de Anna Freud, psicanalista e filha do fundador da psicanálise, Sigmund Freud, diz que, na adolescência, é muito difícil determinar o limite entre o normal e o patológico, pois adolecer é um processo instável, sendo anormal possuir um humor linear.

Knobel (1992), ao caracterizar a adolescência normal, estabelece dez principais manifestações de conduta: busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasias; crises religiosas, deslocalização temporal; evolução sexual manifesta; atitude social reivindicatória, contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta; separação progressiva dos pais, constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. Neste artigo, priorizou-se a tendência grupal como eixo de estudo.

Uma das tarefas essenciais da adolescência é a estruturação da identidade. Embora comece a ser ‘construída’ desde o início da vida do indivíduo, é na adolescência que ela se define, se encaminha para um perfil tornando esta experiência um dos elementos principais do processo adolescente. (OUTEIRAL, 1994, p.71).

De acordo com o autor, é nesse momento que o adolescente estrutura sua identidade própria e desprende-se vagarosamente dos laços familiares, procurando pertencer a um grupo e estabelecendo novos vínculos sociais. Segundo Giongo (*apud* COSTA, 2004, p. 89): “[...] Reconhece-se o grupo como uma instância de identificação, lugar desde o qual vai operar-se um efeito sobre o que se é”.

Percebia-se que o paciente estava iniciando o movimento de busca de sua identidade própria, encontrando no CTG um refúgio seguro para suas angústias e para o seu adolecer. É no sentimento de pertencimento que surgia na convivência com esse grupo tradicionalista que ele se sentia mais “forte” frente à sociedade e às próprias transformações que vinha enfrentado, tanto de ordem orgânica como psíquica.

[...] Há um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um. Às vezes, o processo é tão intenso que a separação de grupo parece quase impossível e o indivíduo pertence mais ao grupo de coetâneos do que ao grupo familiar. Não se pode separar da turma nem de seus caprichos ou modas. Por isso, inclina-se às regras do grupo, em relação a modas, vestimentas, costumes, preferências de todos os tipos, etc. (ABERASTURY, 1992, p. 36).

Se, na infância, os modelos identificatórios são os pais, na adolescência, esses passam a ser os jovens da mesma idade, os amigos, os colegas de escola, ídolos etc. Paladino (2005, p. 69) aponta: “Há, nesta fase, uma substituição das figuras paternas por novos guias ou líderes, referências na tentativa de perseguir seus próprios ideais, ainda que muito incipientes”. Entende-se que o grupo, em determinado período, ajuda o adolescente a configurar-se, a recompor-se e a constituir-se sujeito autônomo e psicologicamente independente.

Evidencia-se que o paciente em questão ainda não realizara o movimento saudável de desvincular-se de sua família, o que apontava para o foco principal da hipótese diagnóstica deste estudo de caso: as suas dificuldades de autoria e autonomia em todas as relações com a aprendizagem. Oliveira (2001, p.197) complementa dizendo que: “[...] O enriquecimento da identidade dá-se sobretudo na relação com os pais. Entretanto, essa identidade só

pode aparecer como própria quando é estabelecida a autonomia em relação ao desejos dos pais”.

Nota-se, ao sair às ruas, uma tendência crescente de pertencer a algum grupo, muitas vezes não importando se as suas regras ou aspirações são coerentes com a forma de pensar dos sujeitos, pois o interessante é estar ligado a outras pessoas fora de seu núcleo familiar, pensando encontrar nele um ponto de apoio e um modelo. O paciente em atendimento psicopedagógico também buscava amparo no grupo de iguais, encontrando no CTG (Centro de Tradições Gaúchas) esse lugar de conforto. Nesse espaço de aprendizagem não formal, onde os saberes são passados de geração em geração, onde o convívio com a família e com os amigos impera e onde se luta pela preservação da cultura tradicionalista, é que Arthur se abrigou.

Em meio às infindáveis perguntas que surgiram ao longo dos atendimentos psicopedagógicos com esse paciente, e na busca incansável por respostas satisfatórias, chegou-se ao término desses como muitos outros questionamentos, fazendo aguçar ainda mais o pensar sobre essa singular etapa da vida. Por fim, indaga-se: Arthur realmente encontrou seu lugar ou puseram-no nesse lugar? Abrigou-se no CTG, já que não lhe possibilitaram outro lugar de pertencimento? Até que ponto sua inserção nesse grupo social foi de sua própria escolha? Pertencer a esse grupo foi algo imposto por sua família, já que frequenta há vários anos esse ambiente? Como se sente nesse grupo? O que há desse grupo em sua personalidade?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre o percurso dos atendimentos psicopedagógicos realizados durante o decorrer do ano, faz-se indispensável pontuar questões pertinentes e inerentes a esse processo e que estavam relacionadas a esse estudo de caso.

A teoria psicopedagógica, sob o enfoque clínico, possui como principal objetivo investigar a etiologia e intervir nas dificuldades de aprendizagem de todos os sujeitos. Ao buscar a compreensão do processo do aprender e de suas fraturas, considerando o contexto em que os pacientes estão inseridos, a Psicopedagogia possui como foco a ressignificação da construção do aprender, devolvendo ao sujeito o prazer pelo conhecimento e, dessa forma, possibilitando o desenvolvimento de autoria e autonomia.

Neste artigo, almejou-se refletir sobre o papel da Psicopedagogia, ressaltando-se a importância da realização do diagnóstico e da intervenção psicopedagógica clínica, bem como foi de fundamental necessidade debruçar o olhar sobre a construção da identidade, do processo de adolescer e da importância que o grupo social desempenhou nesse momento de vida para o paciente em questão.

Evidenciou-se, ao longo das sessões, o movimento de formação da personalidade do jovem sendo visivelmente influenciada pelo seu grupo atual de pertencimento, ou seja, pelo grupo de CTG que frequentava. Esse grupo servia de “porto seguro” para seu inquietante adolescer.

Concluídos os atendimentos psicopedagógicos, tem-se a certeza de que muito se contribuiu para a estruturação da identidade desse sujeito. Nota-se que há um longo caminho a percorrer, para que se possa vislumbrá-lo como um sujeito autônomo e autor nas suas aprendizagens.

Valorizando-se o aprender a aprender a cada novo dia, fica a certeza de que o espaço clínico é um rico ambiente, onde se pretende resgatar a possibilidade de uma aprendizagem prazerosa, bem como favorecer a aquisição de novos conhecimentos e saberes.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. 10. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1992.
- COSTA, Ana. (Organizadora). **Adolescência e experiência de borda**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2004.
- FERNÁNDEZ, Alícia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.
- OLIVEIRA, Vera Barros de Oliveira; BOSSA, Nádya Aparecida. (Organizadoras). **Avaliação psicopedagógica do adolescente**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- OUTEIRAL, José O. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.
- PALADINO, Erane. **O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea**. 1. ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2005.